

Artigo

Agrobiodiversidade nos quintais de comunidades quilombolas no município de Cajazeirinhas-PB

Agrobiodiversity in the gardens of quilombola communities in the municipality of Cajazeirinhas-PB

Fernanda Carla Almeida Silva¹, Aline Carla de Medeiros², Patrício Borges Maracajá², Maysa Carreiro Lima³ & Lucas Fernando Pereira de Almeida¹

¹Mestre em Gestão e Sistemas Agroindustriais pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão e Sistemas Agroindustriais-Universidade Federal de Campina Grande, campus Pombal. E-mail: nandinhacarla1802@gmail.com e lucasalm025@gmail.com.

²Professores do Programa de Pós-Graduação em Gestão e Sistemas Agroindustriais-Universidade Federal de Campina Grande, campus Pombal. E-mail: alinecarla.edu@gmail.com e patricioborgesmaracaja@gmail.com.

³Graduada em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação São Judas Tadeu. E-mail: maysaalmeida609@gmail.com.



Resumo: Os quintais de comunidades quilombolas são locais onde é possível encontrar uma grande diversidade de espécies alimentícias e medicinais. Eles são fundamentais para contribuir na ampliação dessas espécies vegetais e mantêm a agrobiodiversidade. Desse modo, o presente artigo teve como objetivo analisar a agrobiodiversidade em quintais de comunidades quilombolas no município de Cajazeirinhas-PB. A cidade possui duas comunidades remanescentes de quilombo: Vinha e Umburaninha. Foi feito um levantamento das espécies vegetais, alimentícias e medicinais encontradas nas duas comunidades mediante a visitas in loco, utilizando registros fotográficos dos quintais das comunidades. Após esta etapa de coleta de informações realizou-se uma triagem para classificação das diversidades de plantas alimentícias e medicinais. Posteriormente, foi feita a identificação de cada espécie. O trabalho seguiu uma abordagem quali-quantitativa, por meio da observação direta e do levantamento de dados no local. Apesar dos avanços tecnológicos e as pressões externas do capitalismo sobre as sociedades, em particular as comunidades quilombolas se mantêm numa linha tradicional em suas vivências garantindo a agrobiodiversidade.

Palavras-chave: Comunidades tradicionais, Diversidade agroecológica, Espécies alimentícias e medicinais.

Abstract: The backyards of quilombola communities are places where a great diversity of food and medicinal plant species can be found. These spaces are essential for contributing to the expansion of these plant species and for maintaining agrobiodiversity. Thus, the objective of this article was to analyze agrobiodiversity in the backyards of quilombola communities in the municipality of Cajazeirinhas, PB. The town has two quilombola communities: Vinha and Umburaninha. A survey was conducted on the plant species, both food and medicinal, found in the two communities through in loco visits, utilizing photographic records of the communities' backyards. After this data collection stage, a screening process was carried out to classify the diversity of food and medicinal plants. Subsequently, each species was identified. The study followed a qualitative-quantitative approach, through direct observation and local data collection. Despite technological advances and the external pressures of capitalism on societies, particularly on quilombola communities, they maintain traditional practices in their daily lives, ensuring the preservation of agrobiodiversity.

Keywords: Traditional communities, Agroecological diversity, Food and medicinal species.

1 INTRODUÇÃO

As comunidades quilombolas têm passado por inúmeras pressões em seus territórios, frente ao avanço do agronegócio, seja pela perda das terras em si ou pela substituição de cultivos alimentares tradicionais por outros mais importantes no mercado internacional ou para grandes projetos (MACEDO; SOUSA, 2015; GONÇALVES; RODRIGUES; SOBREIRO-FILHO, 2019).

No Brasil, as comunidades quilombolas estão situadas em todas as regiões brasileiras, notadamente nas áreas rurais, apresentando um relativo grau de isolamento geográfico e vivendo desigualdades socioeconômicas, as consequências históricas do processo de escravidão e a forma de sua libertação têm influenciado o acesso diferenciado a bens e serviços (SILVA et al., 2008). Estas populações sofrem com problemas crônicos de insegurança alimentar e nutricional atribuídos à constante ameaça ao domínio e preservação dos seus territórios, acesso dificultado às políticas

Submetido em: 06 de dezembro de 2025, aceito para publicação em: 28 de dezembro de 2025.



públicas, exclusão social e atentados ao direito à vida e à integridade física, psicológica e moral (COIMBRA JÚNIOR et al., 2000; CHAGAS, 2001; CARVALHO et al., 2014).

O reconhecimento das Comunidades Remanescentes de Quilombo (CRQs) pela Constituição Federal de 1988 foi um marco fundamental, pois, essa identificação é fruto da luta de seus povos pelo direito ao uso da terra. Gonçalves (2024) elucida que de acordo com a Fundação dos Palmares, o Brasil possui 144 terras quilombolas regularizadas e mais de 1.800 em espera da titulação. Na Paraíba, de acordo com dados do IBGE (2022), há 44 comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares e outras em processos de delimitação. Em tese, aproximadamente 17% da população quilombola da Paraíba estão em territórios oficialmente delimitados (IBGE, 2022). Apesar do marco legal, a Constituição de 1988, garantindo o acesso a terra, grande parte das comunidades quilombolas não tem acesso seus territórios demarcados e regularizados. O reconhecimento territorial é de suma importância para a preservação das práticas culturais, o fortalecimento da identidade e a melhoria das condições de vida das comunidades quilombolas.

A Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (Brasil, 2006), define a Segurança Alimentar através da realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras da saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis. Logo, os territórios ocupados pelas comunidades quilombolas têm um grande potencial para contribuir para a soberania alimentar e para as metas de conservação ambiental. De acordo com Doblas e Oviedo (2021), as comunidades quilombolas desempenham um papel crucial na restauração ambiental, pois, apresentam altos percentuais de vegetação nativa, principalmente em propriedades maiores que 500 ha, demonstrando a importância dessas comunidades para a conservação ambiental, bem como para a restauração ambiental das zonas de amortecimento de Unidades de Conservação.

Além disso, a soberania alimentar dessas comunidades, que inclui o cultivo de alimentos em harmonia com o meio ambiente, contribui para o fortalecimento de sistemas alimentares sustentáveis, que são ao mesmo tempo resilientes e diversificados. Em muitos casos, os quilombolas adotam práticas agrícolas que preservam a biodiversidade e favorecem a produção de alimentos mais saudáveis, dentro dos aspectos da agrobiodiversidade.

A agrobiodiversidade é um complexo multidimensional que consiste na variedade de plantas, animais e microrganismos usada direta ou indiretamente para a alimentação humana e agricultura, incluindo os inúmeros recursos genéticos e espécies aproveitados para fins medicinais e como matéria prima, além de abranger as populações e os agroecossistemas associados aos sistemas de cultivo (FAO, 1999). Essa biodiversidade agrícola pode ser entendida como o produto da criatividade e inventividade das comunidades locais com os agroecossistemas, no decorrer dos últimos 12 mil anos, incluindo aspectos biológicos, ecológicos, culturais, políticos, econômicos e tecnológicos (SANTILLI, 2009; PAUTASSO et al., 2013).

Os sistemas tradicionais de manejo são altamente adaptados aos ecossistemas locais, estão integrados com práticas culturais e conhecimentos ancestrais. Porém, esse processo vem enfrentando desafios significativos. A exemplo disso, é o fato de estarem caindo em desuso, em razão da introdução da economia de mercado, mudança cultural e substituição por sistemas modernos (DIEGUES, 2001). Assim, o resgate dos sistemas de manejo adotados pelas comunidades tradicionais, a exemplo dos quilombolas, contribuem, significativamente, para a manutenção da agrobiodiversidade.

Desse modo, a agrobiodiversidade exerce um papel de relevância, pois, é um sistema pautado na associação entre a conservação e manejo com o desenvolvimento sustentável (SANTOS, 1996). As comunidades tradicionais são esses guardiões da agrobiodiversidade em diferentes partes do mundo (Agelet et al. 2000).

Uma das ações voltadas para a conservação da agrobiodiversidade que podem ser aplicadas e adaptadas em comunidades quilombolas, são os sistemas agroflorestais, como quintais. Segundo Chagas et al. (2014), os quintais podem ser definidos como áreas produtivas localizadas próximas as residências que apresentam uma diversidade de espécies vegetais. Essas áreas são manuseadas por agricultores e pela população local para garantir a alimentação, produtos medicinais e geração de renda.

É válido destacar que os quintais representam as tradições, ritos e costumes de uma comunidade, diante disso, o presente artigo buscou analisar dados relativos a agrobiodiversidade em quintais nas comunidades quilombolas no município de Cajazeirinhas, Paraíba.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa é de caráter exploratório. Segundo Gil (2002), a pesquisa exploratória tem como objetivo esclarecer e modificar conceitos e ideias.

O trabalho seguiu uma abordagem quali-quantitativa. Foram utilizadas fontes documentais das comunidades, na qual descreviam o contexto histórico, assim como documentações de auto-reconhecimento expedidas pela Fundação Cultural dos Palmares.

2.1 Áreas de estudo

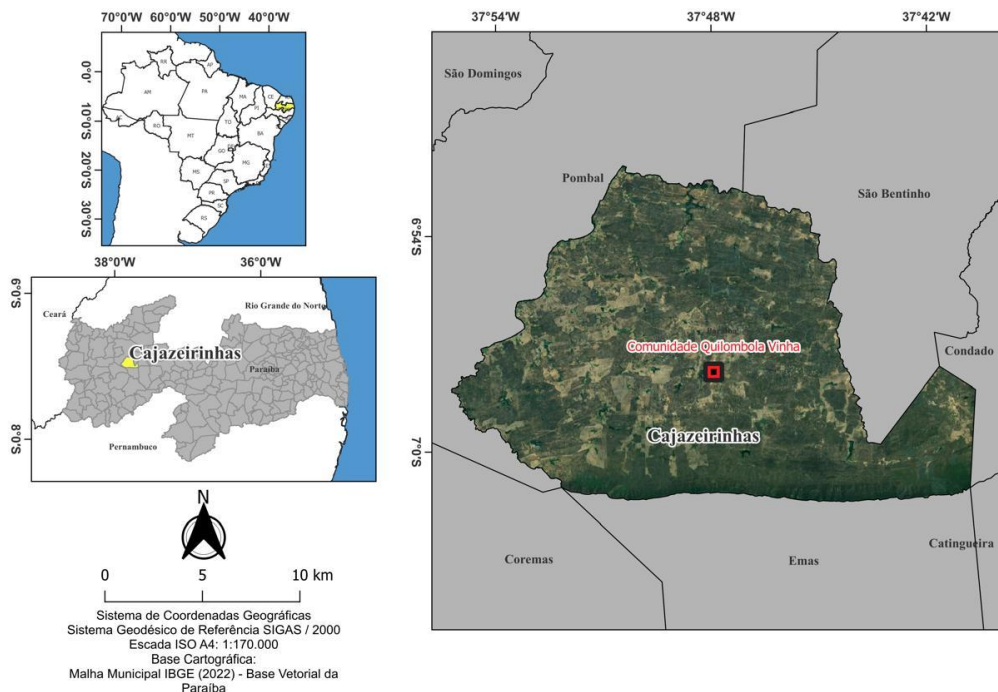
A cidade de Cajazeirinhas, localiza-se na região oeste do Estado da Paraíba, ocupando uma área de 286 km, apresentando as coordenadas 37°48'21" longitude Oeste 06°57'39" de latitude sul (BRASIL, 2005). O local possui uma população de 3033 habitantes, tendo 2033 (67%) habitantes residindo na zona rural e 1033 (33%) na zona urbana (IBGE, 2010). O município abriga duas comunidades quilombolas, ambas já certificadas como remanescentes de quilombos

nacionalmente. A comunidade Umburaninha desde 19 de maio de 2006 (ANEXO I) e a comunidade Vinhas em 12 de janeiro de 2006 (ANEXO II).

2.2 Comunidade quilombola Vinhas

A comunidade quilombola de Vinhas, teve início no fim do século XIX, com a chegada de três famílias de negros que migraram da comunidade de Vacas Mortas, no Diamante. Essas pessoas, trabalhavam como tropeiros na construção de açudes puxados por bois e duas dessas famílias migraram para Umburaninha. A senhora Josefa, esposa de um dos fundadores da comunidade, vendia pé de moleque, conseguiu juntar dinheiro e com a ajuda do esposo, que era tropeiro, compraram a propriedade de Vinhas (ANEXO III).

Figura 1- Localização geoespacial da comunidade quilombola de Vinhas.



Fonte: autora (2024).

Na localidade, há a conservação de traços que lembram os antigos quilombos, como o fato de algumas casas ainda serem de taipas. O povoado possui uma associação comunitária, é organizada, e vem reivindicando os seus direitos. A área, de acordo com Rocha (2015), possui 20 famílias quilombolas, no total de 80 moradores, sendo 62,5% mulheres e 37,5% homens. É pertinente salientar que houve uma dificuldade no que se refere ao levantamento de dados no local da pesquisa, tendo em vista a ausência de documentação local nas associações e nas residências locais.

Figura 2- Casa de taipa da comunidade Vinhas.

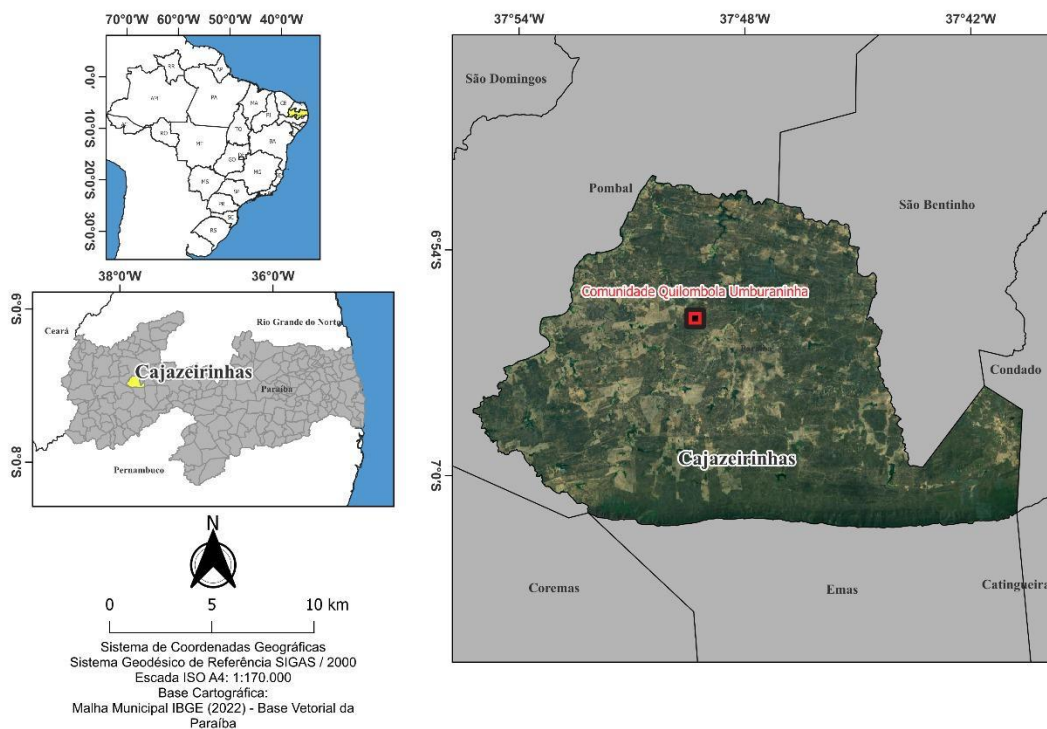


Fonte: acervo pessoal da autora.

2.3 Comunidade quilombola Umburaninha

A comunidade quilombola de Umburaninha, fica a 10 km da cidade de Cajazeirinhas. A sua história remete ao século XIX, quando dois irmãos, Alexandre Gino dos Santos e Francisco Gino dos Santos, descendentes de ex-escravos, oriundos de Vaca Mortas no Diamante conseguem juntar dinheiro, compram o terreno e dão início a formação da comunidade remanescente de quilombos. (ANEXO IV).

Figura 3- Localização Geoespacial da Comunidade Quilombola de Umburaninha.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Os fundadores construíram as primeiras casas no local e constituíram descendentes. Segundo Rocha (2015), habitam na comunidade 23 famílias quilombolas, tendo o total de 91 habitantes.

Figura 4- Casa de Taipa da Comunidade quilombola Umburaninha.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Assim como na comunidade quilombola Vinha, em Umburaninha também houve uma dificuldade no que se refere ao levantamento de dados no local da pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Os quintais

Os quilombolas das comunidades Vinhas e Umburaninha vivem do cultivo das roças, quintais com frutas e a criação de animais. Os produtores de ambas as comunidades quilombolas não têm uma época padrão ao plantio, mas

geralmente entre os meses de janeiro/fevereiro/março, que é a época das chuvas, iniciam os trabalhos com a terra. O período para a colheita, varia conforme o alimento, mas geralmente, nos meses de abril/maio/junho. Os agricultores trabalham sozinhos ou com a família. Através do levantamento de dados e da análise do local, constatou-se uma diversidade de plantas medicinais e alimentícias nos quintais das comunidades.

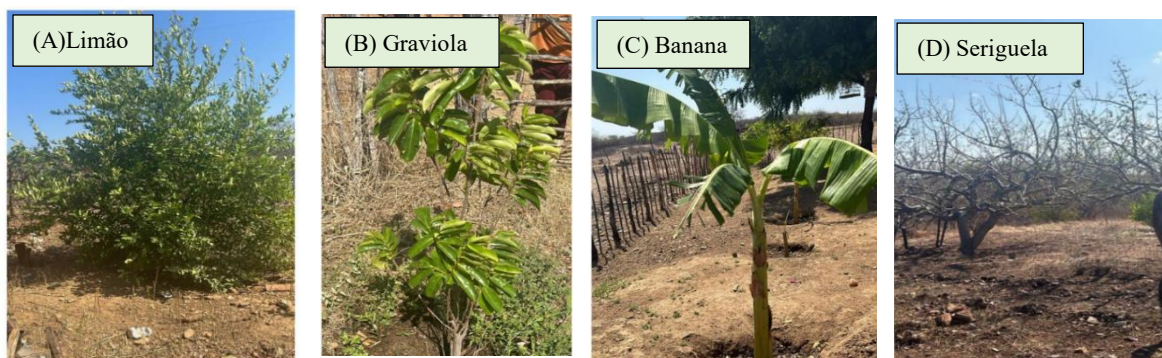
Tabela 1- Famílias e espécies encontradas nas roças e quintais das comunidades quilombolas Vinhas e Umburaninha.

Espécie	Nome vulgar	Alimentar/medicinal
<i>Achillea millefolium</i>	Dipirona	Medicinal
<i>Justicia pectoralis</i> Jacq	Anador	Medicinal
<i>Cocos nucifera</i>	Coco	Alimentar
<i>Malva sylvestris</i> L	Malva	Medicinal
<i>Solanum melongena</i>	Berinjela	Alimentar
<i>Ananas comosus</i>	Abacaxi	Alimentar
<i>Allium fistulosum</i> L.	Cebolinha	Alimentar/medicinal
<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	Alimentar/medicinal
<i>Anacardium sp. Humile</i> A. St. Hil.	Caju	Alimentar
<i>Curcuma longa</i> L.	Açafrão	Alimentar/Medicinal
<i>Orbignya oleifera</i> Burret	Coco-Babaçu	Alimentar
<i>Allium sativum</i> L..	Alho	Alimentar/Medicinal
<i>Plinia cauliflora</i>	Jabuticaba	Alimentar
<i>Matricaria recutita</i> L.	Camomila	Medicinal
<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface	Alimentar
<i>Brassica oleracea</i> D.C.	Couve-folha	Alimentar
<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	Alimentar
<i>Ipomea batatas</i>	Batata doce	Alimentar
<i>Cucurbita moschata</i> Dusch.	Abóbora	Alimentar
<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Mansf.	Melancia	Alimentar
<i>Cucumis anguria</i> L.	Maxixe	Alimentar
<i>Manihot esculenta</i> Crantz.	Mandioca	Alimentar
<i>Cajanus spp.</i>	Feijão	Alimentar
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews.	Boldo	Medicinal
<i>Lippia Alba</i> (Mill) N. E. Br	Erva cidreira	Medicinal
<i>Mentha sp</i>	Hortelã	Medicinal
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	Alimentar
<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	Alimentar
<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	Quiabo	Alimentar
<i>Musa spp.</i>	Banana	Alimentar
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	Alimentar
<i>Zea mays</i>	Milho	Alimentar

<i>Cymbopogon citratus</i>	Capim Cidreira		Medicinal
<i>Saccharum officinarum</i>	Cana- de-açúcar		Alimentar
<i>Citrus sinensis</i>	Laranja		Alimentar
<i>Citrus limon</i>	Limão		Alimentar
<i>Capsicum</i>	Pimenta		Alimentar
<i>Sesamum indicum L</i>	Gergelim		Alimentar/Medicinal
<i>Solanum lycopersicum L</i>	Tomate		Alimentar
(I) <i>Jaboticaba vera</i>	Babosa	(K) Cana-de-açúcar	Medicinal
<i>Dysphania ambrosioides</i>	Mastruz		Medicinal
<i>Mangifera indica L</i>	Manga		Alimentar
<i>Mentha spicata</i>	Hortelã		Medicinal
<i>Cymbopogon citratus</i>	Capim-Santo		Medicinal
<i>Spondias purpurea</i>	Seriguela		Alimentar
<i>Annona muricata.</i>	Graviola		Alimentar
<i>Spondias dulcis.</i>	Cajarana		Alimentar
<i>Annona squamos</i>	Pinha		Alimentar
<i>Petroselinum crispum</i>	Salsa		Medicinal

Fonte: autora, 2024.

Figura 5: Diversidade de plantas frutíferas encontradas nas comunidades de Vinha e Umburaninha (Nomes vulgares: (A) limão, (B) graviola, (C) banana, (D) seriguela, (E) acerola, (F) caju, (G) laranja, (H) goiaba, (I) jaboticaba, (J) coco, (K) cana-de-açúcar, (L) berinjela).

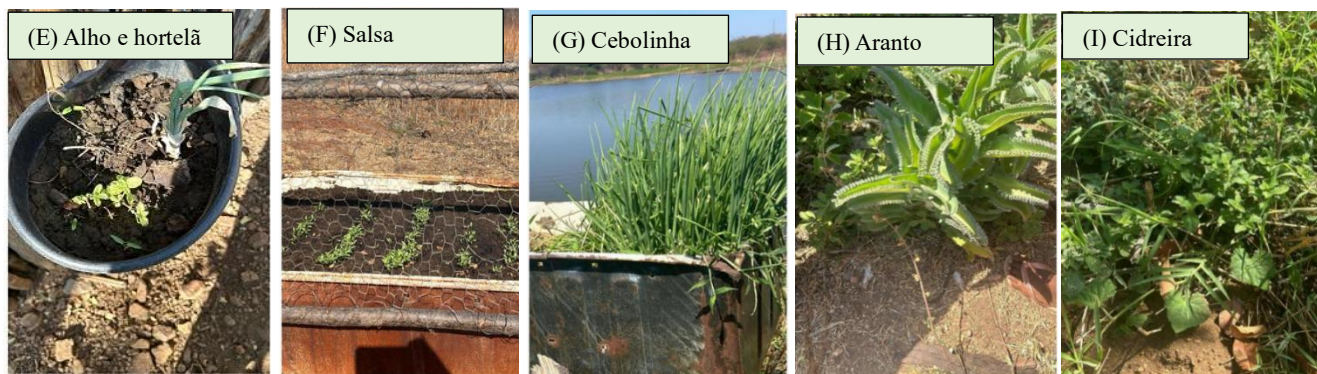




Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 6: Plantas medicinais e condimentares encontradas nas comunidades Vinha e Umburaninha. (Nomes vulgares: (A) dipirona, (B) malva, (C) coentro, (D) anador, (E) alho e hortelã, (F) salsa, (G) cebolinha, (H) aranto, (I) cidreira).





Fonte: autora, 2024.

A diversidade de espécies alimentícias e medicinais presentes nas Comunidades Remanescentes de Quilombo (CRQs), Vinhas e Umburaninha, foram encontradas, grande parte delas, em quintais. Pereira (*et al.*, 2010), explica que a utilização desses quintais em unidades familiares, proporciona o cultivo de várias espécies com múltiplos usos, além de assegurar as necessidades básicas da população, como alimentação, já que possibilita grande quantidade e variedade de produtos em uma área reduzida. Esses sistemas utilizados são sustentáveis, repassados de geração em geração. Pasa (2004), demonstra que a produção nos quintais, a exemplo da hortifrutífera, possibilita uma baixa dependência com produtos externos, gerando assim, menos impacto ao meio ambiente.

Além disso, Oakley (2004) reitera que os quintais domésticos tem por função ser um reservatório de biodiversidade. Os sistemas tradicionais de manejo, contribuem para a sobrevivência desses produtores, que utilizam tecnologia simples e insumos locais. Tal fato, possibilita as famílias uma dieta saudável e rica em nutrientes.

A Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (Brasil, 2006), é pautada no direito a todos o acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, além de abranger as condições de acesso aos alimentos por meio da produção, em especial da agricultura tradicional e familiar. Logo, a alimentação é essencial para o desenvolvimento e bem-estar humano, pois possibilita energia e nutrientes base para a sobrevivência. Nesse prisma, as comunidades tradicionais analisadas mantêm a conservação de plantas alimentícias e medicinais por meio de práticas cotidianas, como hábitos alimentares e culinários, saberes étnicos e no manejo da agrobiodiversidade. Fornecendo assim uma pluralidade de alimentos, contribuindo para práticas relacionadas à segurança alimentar (Wittman, 2011).

Gonçalves (2024) afirma que as comunidades tradicionais possuem várias estratégias para manterem a segurança alimentar e gerir os recursos locais, como a diversificação. O uso dessa diversificação possibilita o aumento da resiliência, a conservação do conhecimento local tradicional, contribui para a sustentabilidade, a soberania alimentar e a melhora significativa no conteúdo nutricional das dietas (Begossi, 1998; Cavechia *et al.*, 2014). Machado *et al* (2008), explica que um dos aspectos da agrobiodiversidade se relaciona com a segurança alimentar, conservação de renda, conservação de recursos genéticos e da diversidade cultural associado as populações locais.

Em ambas as comunidades quilombolas identificou-se uma grande quantidade de plantas para uso medicinal, terapêutico e bem-estar populacional. O uso de plantas medicinais trata-se de um legado ancestral, na qual é repassado as próximas gerações, é um saber sobre a diversidade local, uma forma de resistência cultural, na qual há uma preservação de suas raízes históricas. Todavia, um dos principais problemas que as duas comunidades analisadas enfrentam e que acabam limitando a produção alimentícia e medicinal, é a escassez de água, tendo em vista que nos períodos de estiagem, os moradores das comunidades acabam não tendo uma boa colheita.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados, foi possível concluir que os quilombolas das comunidades de Vinha e Umburaninha ainda mantém essa tradição do cultivo das plantas em quintais e hortas. Desse modo, eles preservam essa agrobiodiversidade e tal fato colabora para a manutenção da variedade genética.

Esses locais possuem uma variedade de espécies vegetais que garantem uma oferta de produtos medicinais e alimentícios de qualidade para as comunidades. A alta diversidade de plantas medicinais demonstra a relevância das práticas terapêuticas na região, apesar da maior disponibilidade de medicamentos industrializados. A etnia também pode ser um fator que contribui para as práticas e cultivos locais usados nas comunidades.

A diversidade de cultivos, é essencial para a subsistência, proporcionando segurança alimentar e nutricional. Ademais, a produção de alimentos nas comunidades quilombolas assegura a autonomia em relação à aquisição de alimentos, reduzindo a dependência de mercados externos. Em suma, constatou-se uma variedade de espécies alimentícias e medicinais nas comunidades quilombolas analisadas e ao plantar e utilizar ervas medicinais, as comunidades fortalecem sistemas de saúde autônomos, adaptados às suas necessidades e realidades locais.

REFERÊNCIAS

AGELET, A. M. Angels Bonet, J. Valli e S. Agelet. 2000. **Os quintais e o seu papel como principal fonte de plantas medicinais nas regiões montanhosas da Catalunha (Península Ibérica)**. *Botânica Econômica* 3:295–309.

BRASIL, Serviço Geológico do Brasil. **Diagnóstico do município de Cajazeirinhas**, estado da Paraíba. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sinopse dos resultados do Censo 2010**. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinapse/webservice/>>. Acesso em: 18 de outubro de 2024.

_____. BRASIL. **Lei no 11.346, de 15 de setembro de 2006**. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências. Brasília, DF: Casa Civil, 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111346.htm. Acesso em: 09 de dezembro de 2024.

BEGOSSI, A. Resilience and neotraditional populations: the caixaras of the Atlantic Forest coast and Caboclos of the Amazon. In: BERKES, F.; COLDING, J.; FOLKE, C. (org.). **Linking ecological and social systems: management practices and social mechanisms for building resilience**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1998. p. 129-157

CARVALHO, A. S.; SILVA, D. O. **Perspectivas de segurança alimentar e nutricional no Quilombo de Tijuacu, Brasil: a produção da agricultura familiar para a alimentação escolar**. Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v.18, n.50, p.521- 532, 2014. DOI: <http://10.1590/1807-57622013.0804>.

CHAGAS, M. D. F. **A política do reconhecimento dos ‘remanescentes das comunidades dos quilombos’**. Horizontes Antropológicos, v.7, p.209-235, 2001.

CHAGAS, J. C. N.; FRAXE, T. J. P.; ELIAS, M. E. A.; CASTRO, A. P.; VASQUES, M. S. **Os sistemas produtivos de plantas medicinais, aromáticas e condimentares nas comunidades São Francisco, Careiro da Várzea e Santa Luzia do Baixo em Iranduba no Amazonas**. Revista Brasileira de Agroecologia, Pelotas, v. 9, n. 1, p. 111- 21, 2014. Disponível em: http://orgprints.org/26492/1/Chagas_Sistemas.pdf. Acesso em: 11 nov. 2018.

COIMBRA JÚNIOR, C. E. A.; SANTOS, R. V. **Saúde, minorias e desigualdade: algumas teias de inter-relações com ênfase nos povos indígenas no Brasil**. Ciência & Saúde Coletiva, v.5, n.1, p.125-32, 2000.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 2001. 102 p.

DOBLAS, J.; OVIEDO, A. Efetividade dos Territórios Tradicionalmente Ocupados da manutenção da cobertura vegetal natural no Brasil. In: CUNHA, M. C. da; MAGALHÃES, S. B.; ADAMS, C. (org.). **Povos tradicionais e biodiversidade no Brasil: contribuições dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais para a biodiversidade, políticas e ameaças**. São Paulo: SBPC, 2021. p. 14-57.

FAO. **Food and Agriculture Organization of the United Nations**. **Sustaining agricultural diversity in agroecosystems functions**. Roma: FAO, 1999.

GARNETT, S. T. *et al.* A spatial overview of the global importance of Indigenous lands for conservation. **Nature Sustainability**, v. 1, n. 7, p. 369-374, 2018

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Maria Cristina. **Plantas alimentícias e ancestralidade, caminhos para soberania alimentar em comunidades quilombolas do Brasil**. Tese (Doutorado em Biologia), Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, p.135, 2024.

GONÇALVES, O. D.; RODRIGUES, J. C.; SOBREIRO FILHO, J. **Marés das rebeldias em Abaetetuba: dos rios da existência à resistência dos territórios na Amazônia paraense, Baixo Tocantins**. Revista Tamoios, v. 15, n. 1, 2019.

OAKLEY, E. **Quintais Domésticos: uma responsabilidade cultural**. *Agriculturas*, 2004, 1 (1), 37-39. Disponível em <http://www.leisa.info/index.php?url=getblob.php&o_id=70215&a_id=211&a_seq=0>. Acessado em: 27 de dezembro de 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2012**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

MACEDO, C. O.; SOUSA, R. B. **Novos projetos, velhas práticas: os impasses entre agricultura camponesa e agronegócio do dendê em terras amazônicas.** *Tempos Históricos*, v. 19, n. 1, p.302-331, 2015.

MACHADO, A. T.; SANTILLI, J.; MAGALHÃES, R. A. **Agrobiodiversidade com enfoque agroecológico: implicações conceituais e jurídicas.** Brasília: Embrapa Informação Tecnológica; Embrapa- Secretaria de Gestão e Estratégia, 2008. 98 p.

MEDEIROS, M. F. T.; FONSECA, V. S.; ANDREATA, R. H. P. Plantas medicinais e seus usos pelos sítiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, Brasília, v. 18, n. 2, p. 391-99, 2004.

OLIVEIRA, Rafael Monteiro, **Quintais e Uso do Solo em propriedades Familiares**, Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - Minas Gerais - Brasil 2015.

PASA, M. C. **Etnobiologia de uma comunidade ribeirinha no Alto da Bacia do Rio Aricá Açu**, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. 174f. Tese (Doutorado)- Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2004.

PEREIRA, C. N. PEREIRA, C. N. ; MANESCHY, R. Q. ; OLIVEIRA, P. D. ; OLIVEIRA, I. K. S. **Caracterização de quintais agroflorestais no projeto de assentamento Belo Horizonte I**, São Domingos do Araguaia, Pará. *Revista Agroecossistemas*. v. 2, p. 73-81, 2010.

PAUTASSO, M.; AISTARA, G.; BARNAUD, A.; CAILLON, S.; CLOUVEL, P.; COOMES, O. T.; TRAMONTINI, S. **Seed exchange networks for agrobiodiversity conservation.** A review. *Agronomy for Sustainable Development*, v.33, n.1, p.151-175, 2013.

ROCHA, Christianne Urtiga. **Conhecimento acerca da Apiterapia pelas comunidades quilombolas de Cajazeirinhas-PB.** 2016, 57f. Dissertação (Mestrado em Sistemas Agroindustriais) – Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, Pombal, 2016. Disponível em: <<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/30798>>. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

SANTILLI, J..**Agrobiodiversidade e direitos dos agricultores.** São Paulo: Peirópolis, 2009.

Saragoussi MA, Martel JHI, Ribeiro GA. **1988. Comparação na composição de quintais de três localidades de terra firme do Estado do Amazonas.** *Ethnobiology: Implications and Applications* 1: 295-3003.

SANTOS, J. C. Análise da rentabilidade, sob condições de risco, de um sistema agroflorestal adotado por pequenos produtores de cacau na região da Transamazônica, Pará. 1996. 128 f. **Dissertação (Mestrado em Economia Rural)- Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.**

SILVA, D. O.; GUERRERO, A. F. H.; GUERRERO, C. H.; TOLEDO, L. M. D..**A rede de causalidade da insegurança alimentar e nutricional de comunidades quilombolas com a construção da rodovia BR-163**, Pará, Brasil. *Revista de Nutrição*, v.21, p.83s-87s, 2008.

WITTMAN, H. Food sovereignty: a new rights framework for food and nature? **Environment and Society: Advances in Research**, v. 2, p. 87-105, 2011.